



Produção de Vídeo Estudantil: A Hora e a Vez do Aluno¹

Josias Pereira;

Eliane Candido;

Vania Dal Pont;

Viviane Lino

Resumo: O Projeto de Extensão Produção de Vídeo Estudantil da Universidade Federal de Pelotas, ativo desde 2011, vem percorrendo uma trajetória que busca, conforme prevê a Lei de Diretrizes e Bases, “atuar em favor da universalização e do aprimoramento da educação básica, mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois níveis escolares”. Nesse percurso, o projeto tem cumprido com o seu objetivo principal: oferecer formação continuada a professores e alunos da rede pública de ensino para a produção audiovisual na escola. As iniciativas promovidas pelo projeto, além de movimentar a sociedade e os espaços locais, tem contribuído para dar voz ao aluno, colocando-o no centro do processo de aprendizagem. A diversidade que subjaz a produção de vídeo como prática pedagógica permite que os educandos e os educadores criem novos sentidos para o processo de ensino-aprendizagem e para a reconfiguração da escola como espaço de formação. Assim, produzir vídeo nesse contexto ajuda a integrar diferentes saberes e habilidades, oriundos não apenas das disciplinas escolares, mas das culturas, das áreas técnicas e do saber fazer. O diferencial da produção de vídeo na escola está no processo que demanda e não no produto final. Não se trata simplesmente de um vídeo, de um filme, de um conjunto de técnicas, mas de um corpo de linguagem multissemiótica que permite ao aluno dizer o mundo (re)construído pela força da imagem.

Palavras chave: Projeto de Extensão. Produção de Vídeo Estudantil. Prática Pedagógica. Protagonismo estudantil.

Apresentação

A Universidade Pública é um espaço importante de produção, acumulação e disseminação de conhecimentos. Professores, alunos e comunidade trocam conhecimento e aprendem em conjunto e, sobretudo, são essas trocas que configuram o tripé ensino, pesquisa e extensão, base fundamental da universidade. Embora cada pilar dessa base seja independente funcionalmente, a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 207, estabelece que esses três eixos devem ser trabalhados de forma equivalente, obedecendo ao princípio de indissociabilidade previsto no conjunto de normas que regem a Constituição.

Complementarmente, o artigo 43 da Lei 9.394, de 1996, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional definindo, no Inciso VII, que a educação superior deve “promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição” (BRASIL, 1996). Desse modo, a extensão universitária ocorre

¹ **Artigo do livro** A Extensão nos 50 anos da UFPel 2020. Editora da UFPel, Pelotas. org. Francisca Ferreira Michelon, Ana da Rosa Bandeira. - Pagina inicial do artigo 483 – pagina final 498
Link do livro de extensão - <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/5671>

quando a universidade realiza uma ação junto com a comunidade, possibilitando a troca de conhecimento desenvolvido na instituição, articulando com esse público externo os conhecimentos adquiridos no ensino e na pesquisa.

Essa ação de interação pode contribuir transformando a realidade social. Nesse sentido, acreditamos que a Extensão Universitária é uma iniciativa que contribui no desenvolvimento social e na articulação de políticas públicas. Assim, o projeto de extensão Produção de Vídeo Estudantil – ao qual nos vinculamos – visa, desde 2011, servir de instrumento de inserção social aproximando a academia da comunidade, promovendo ações que contemplam a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Projeto de Extensão Produção de Vídeo Estudantil: o início de um percurso de ações no Ensino Básico

Em 2011, a professora de Língua Portuguesa do Ensino Básico, Giovana Janhke, procurou o curso de bacharelado em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), localizada no estado do Rio Grande do Sul (RS), pois precisava de ajuda na produção de um curta-metragem com os alunos do 8º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Independência, situada no bairro Sítio Floresta, zona periférica da cidade de Pelotas/RS. A referida professora queria que a universidade realizasse uma oficina para os alunos do 8º ano, a fim de oferecer a estes jovens conhecimentos técnicos de uma produção audiovisual para a viabilização do curta-metragem no espaço escolar. O professor Josias Pereira – que havia ingressado como docente na universidade há 2 meses – se prontificou a realizar a oficina, já que trabalhava com produção de vídeo estudantil na cidade do Rio de Janeiro e por sete anos foi “Amigo da Escola”², realizando oficinas para alunos do 3º ano do ensino fundamental junto ao Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) Dr. Adão Pereira Nunes³.

Buscando, então, atender a demanda solicitada, o professor fez uma visita à escola e percebeu que uma única oficina não resolveria o problema da professora e propôs a ela um acompanhamento semanal. A proposta previa que esse acompanhamento se daria por meio de oficinas ministradas pelo professor Josias, às sextas-feiras, das 8h às 11h, até o final do ano letivo. A professora Janhke, assim como a equipe diretiva da escola, concordou com a intervenção, nascendo, assim, o projeto de extensão Produção de Vídeo Estudantil.

² Amigos da Escola é um projeto social brasileiro que foi fundado pela Rede Globo, em agosto de 1999, com o objetivo de fortalecer a rede pública de ensino básico.

³ O referido centro fica no bairro de Irajá, zona norte do Rio de Janeiro.



Com o projeto devidamente protocolado e aprovado junto à UFPel – o qual, desde então, objetiva oferecer formação continuada à professores e alunos para a produção audiovisual na escola –, o professor Josias, coordenador do projeto, convidou alguns alunos do curso de Cinema e Audiovisual para colaborarem com ações básicas que possibilitassem conhecimento sobre a produção de audiovisual. Durante o período de 6 meses foram ministradas oficinas de vídeo com os alunos do 8º ano. Elas foram divididas em 4 partes de acordo com as etapas básicas do processo de produção: 1ª- Criação do roteiro; 2ª- Produção dos vídeos; 3ª- Gravação dos vídeos; 4ª- Edição dos vídeos.

O trabalho resultou em quatro curtas-metragens, O Dilema⁴, O Velho Craque⁵, Debutantes e Regina quer Casar. Eles foram realizados pelos alunos da EMEF Independência com total apoio da equipe diretiva. A exibição dos trabalhos foi feita para a comunidade escolar, em um sábado à noite, no auditório da escola. Os alunos convidaram seus familiares para participarem da exibição e a iniciativa lotou o auditório, que recebeu mais de 150 pessoas. Alguns curtas foram hospedados na plataforma de vídeo *YouTube*, no canal denominado “Produção de Vídeo Estudantil”⁶, criado para divulgar o projeto de extensão.

Em seguida, ao percebermos o interesse dos professores pelos conhecimentos técnicos implicados no processo de produção de vídeo, o canal começou a desenvolver vídeos produzidos com o objetivo de oferecer aos professores e alunos saberes técnicos e artísticos do cinema, com base em teorias da área. Era a possibilidade de estender o acesso a essa área, oportunizando que educandos e educadores pudessem acessá-lo de onde quer que estivessem.

Posteriormente, entendendo que produzir vídeo dentro do espaço escolar ultrapassa os estudos técnicos e artísticos do cinema, houve a necessidade de se repensar a proposta elencando o caráter pedagógico a este fazer. Para tanto, foram realizadas algumas pesquisas com professores da rede pública buscando-se compreender a realidade escolar na qual estavam inseridos.

Nessa perspectiva, com base na ideia de que o fazer vídeo no ambiente escolar é uma forma singular de aplicar os conhecimentos artísticos e técnicos da área do cinema, o canal passou a oferecer alguns vídeos com uma linguagem mais voltada para professores e outros vídeos com linguagem mais apropriada aos alunos. Desde a sua criação, o canal foi

⁴ <https://youtu.be/qwTDPJay-EM>

⁵ <https://youtu.be/fYybf2ZIrU>

⁶ https://www.youtube.com/user/producaovideoescolar/featured?disable_polymer=1

se reinventando e já atingiu mais de 18 milhões de acessos, o que demonstra que existe interesse por parte de professores e alunos em fazer vídeo na escola, bem como aprender algumas técnicas sobre a produção audiovisual.

Estendendo as ações do projeto: parcerias institucionais e a articulação de redes de ensino

Considerando o retorno positivo por parte da comunidade escolar da EMEF Independência e da comunidade local, o professor Josias e a professora Giovana procuraram o secretário de educação de Pelotas/RS, no ano de 2012, para a criação de um festival de vídeo estudantil na cidade. O secretário gostou da ideia e apoiou o festival, surgindo, assim, o I Festival de Vídeo Estudantil de Pelotas. O projeto de extensão passa, então, a incorporar essa nova ação.

A partir desse novo compromisso foi necessário organizar uma metodologia que além de viabilizar a produção de vídeo no contexto escolar, pudesse oferecer conhecimentos da produção audiovisual considerando a realidade das escolas públicas de ensino básico do município. Com a ajuda da professora Giovana, desenvolvemos um passo a passo sobre produção de vídeo estudantil, buscando oferecer esse conhecimento de forma simples e didática junto às oficinas de vídeo realizadas nas escolas. Em seguida, foi realizada uma capacitação com os professores para que tivessem noções básicas de uma produção de vídeo. Em um segundo momento, foi feita a capacitação aos alunos que iriam realizar o vídeo estudantil.

Depois da capacitação docente e discente, foi realizado o I Festival de Vídeo Estudantil de Pelotas. No mesmo ano, ainda em 2012, o professor Josias e a professora Giovana lançaram na Feira do Livro de Pelotas o livro “Produção de vídeo nas escolas: Educar com Prazer”. A obra, além de apresentar um profícuo debate sobre o fazer vídeo no contexto escolar, conta com depoimentos dos alunos que participaram do projeto na escola Independência, na qual – conforme já referido – iniciou-se o percurso do projeto de extensão que até hoje desenvolvemos.

Dentre as discussões que compõem o livro, defende-se que o fazer vídeo vale pelo processo que leva o aluno a realizá-lo e não pelo produto final em si. Sob essa perspectiva, iniciamos um debate com os professores sobre a importância de analisar esse processo e de trabalhar o currículo oculto⁷ que é acionado nesse fazer. Percebemos que a produção de

⁷ Segundo Pereira e Dal Pont (2017) o currículo oculto compreende a ação docente de trabalhar conceitos transversais para a formação global do aluno. Essas intervenções ocorrem quando o docente debate e cria ações que não estão explícitas no currículo da disciplina.



vídeo abre um espaço de fala ao aluno pelo qual ele manifesta o seu desejo em participar dos debates que circulam na sociedade e de dividir suas opiniões com o mundo.

Dentro do processo de produção de vídeo, dar voz aos alunos – estimular o seu protagonismo – motivando-os a participar desses debates é também uma prática pedagógica, talvez uma das mais humanizadoras nesse processo. O grande mestre Paulo Freire, na década de 80, já defendia que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens educam-se entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1981, p. 79).

Essa discussão foi – e tem sido – bastante produtiva, tanto que o trabalho junto à EMEF Independência prosseguiu no ano seguinte, em 2013, com oficinas ministradas pela professora Vânia Dal Pont a alunos do 8º e 9º ano. O trabalho resultou em 3 vídeos feitos pelos estudantes. Dessa vez, as oficinas foram realizadas no contraturno das aulas e a cada novo contato com os alunos e professores buscávamos sempre reforçar a importância do processo e não do produto final.

O debate estendeu-se, inclusive, para outros estados, em oportunidades que tivemos de relatar um pouco dessa experiência que, à época, era ainda mais inovadora que atualmente. Em uma oficina de vídeo estudantil realizada com adolescentes na cidade da Serra do Cipó, em Minas Gerais, a professora Vânia colocou em evidência questionamentos relacionados à produção de vídeo como prática pedagógica e não apenas como um fazer técnico. Em contrapartida, também provocamos discussões que buscam fazer o professor refletir sobre a necessidade de o docente deixar o aluno criar o que deseja e não apenas realizar o vídeo como uma ação pedagógica e burocrática da escola.

Essas são problematizações que caminham junto com o projeto, desde a sua criação, suscitando a formação de um grupo de pesquisa, ativo até hoje, que busca desenvolver essas e outras questões no campo científico. Passamos, então, a escrever artigos contemplando esses questionamentos e relatando, com base na experiência a campo, como o fazer vídeo na escola difere do fazer vídeo de forma comercial.

Nessa vivência a campo e a partir das discussões desenvolvidas no grupo, percebemos a importância de se debater com os professores que o que eles estavam fazendo era algo inovador dentro do processo pedagógico. Ao fazer vídeo no espaço escolar deve-se ter necessariamente a preocupação pedagógica, mas uma preocupação não somente centrada no tema do vídeo e, sim, no processo pedagógico que é realizado com o auxílio do corpo docente da escola.

Nesse tocante, um próximo passo importante foi o de buscar novas parcerias institucionais fora de Pelotas, sobretudo em cidades vizinhas, a fim de ampliar esse debate e oferecer para outros municípios e escolas uma formação sobre produção de vídeo no âmbito escolar. Cumprindo-se esse próximo passo, no ano de 2014, o professor Josias entrou em contato com a Secretaria Municipal de Educação de Rio Grande para a criação do festival de vídeo estudantil no município. O projeto foi aceito, passando a ser anualmente organizado. Essa organização é coordenada pela própria prefeitura local, que convidou o projeto de extensão para participar da iniciativa.

No primeiro ano, foram oferecidas oficinas a professores e alunos nos mesmos moldes de como foram realizadas em Pelotas. Para organizar as ações entre as duas cidades, já que Rio Grande/RS fica a 60km de distância de Pelotas, implementamos no canal de vídeo do projeto, junto ao *YouTube*, novos materiais que pudessem ajudar o professor em sua formação. Criamos, em 2014, o *Vlog* “Primeiros Passos”⁸, o qual orienta o professor sobre como ele pode organizar a turma para realizar vídeo, oferecendo ao docente dicas técnicas sobre o assunto. No mesmo ano, também criamos o programa “Vídeo em Foco”⁹, a fim de divulgar o trabalho feito pelos alunos.

Posteriormente, no mesmo ano, organizamos um site denominado “Produção de Vídeo Estudantil”¹⁰, cujo objetivo é o de ajudar professores na parte pedagógica do projeto. Para tanto, criamos dentro do site um espaço com *hiperlinks* que direcionam a materiais pedagógicos em *PowerPoint*¹¹ e em arquivos de texto que podem ser baixados pelo professor para auxiliá-lo na produção de vídeo. Dentre os materiais são oferecidos, inclusive, aqueles trabalhados junto às oficinas ministradas nas escolas. Além disso, na aba “Livro, Teses e Artigos”¹², há *hiperlinks* de vários livros, teses e dissertações sobre produção de vídeo na escola. Na aba “Música”¹³ indicamos músicas livres de direitos autorais para que os alunos possam utilizá-las como trilha sonora em seus trabalhos, sem incorrer a problemas legais.

Cientes de que os cursos de licenciatura não ensinam ou mesmo orientam para a utilização do “fazer vídeo” como prática pedagógica, passamos a produzir, cada vez mais, materiais que pudessem ajudar o professor nessa tarefa. Ocorre que, para além das questões técnicas que são recorrentemente relatadas pelos docentes como um desafio no

⁸ <https://youtu.be/h7puP0MUND8>

⁹ <https://youtu.be/IVNPE8R-V-o>

¹⁰ <https://wp.ufpel.edu.br/producaodevideo/>

¹¹ <https://wp.ufpel.edu.br/producaodevideo/material-de-apoio-download/>

¹² <https://wp.ufpel.edu.br/producaodevideo/videoaula-2/livros-e-teses/>

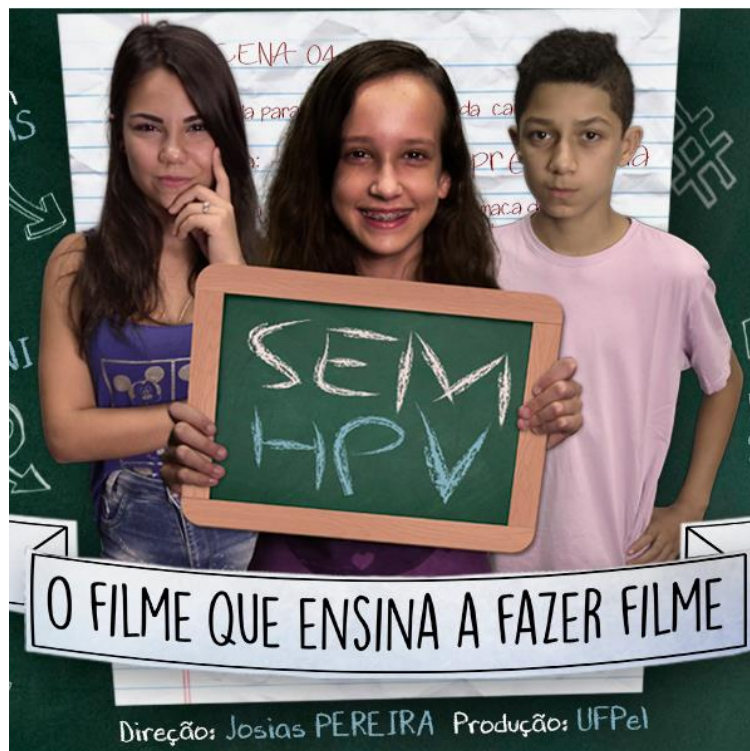
¹³ <https://wp.ufpel.edu.br/producaodevideo/videoaula-2/power-point/>

uso dessa ferramenta em sala de aula – que é mais que uma ferramenta, é uma metodologia –, há também dificuldades de cunho pedagógico. Nesse sentido, é preciso considerar, por exemplo, que o professor possui um tempo limitado para trabalhar esse projeto com os alunos. Sabe-se que, de modo geral, é longo o tempo que demanda uma produção de vídeo, assim, para adaptá-lo ao espaço escolar é preciso problematizar essa necessidade: como organizar os alunos e fazer um curta em 2 ou 3 meses?

Foi debatendo com alunos e professores envolvidos nessa produção que, ao longo dos anos de 2011-2014, percebemos que a escrita do roteiro era a etapa mais demorada e complexa de ser desenvolvida. Com essa informação em mãos iniciamos uma pesquisa de como fazer o roteiro de forma mais simples para os alunos e professores, sempre numa dinâmica de trocas com esses atores sociais.

A partir dessas inquietações desenvolvemos, em 2015, o longa-metragem “SEM HPV: O filme que ensina a Fazer Filme”¹⁴ com o objetivo de estimular professores a fazerem vídeo com seus alunos, oferecendo de uma forma metalinguística conhecimentos que colaborem para essa prática pedagógica.

Imagem 1 – Cartaz do longa-metragem “SEM HPV: O filme que ensina a Fazer Filme”.



Crédito da imagem: Josias Pereira

¹⁴ <https://wp.ufpel.edu.br/semhvp/>

O longa foi gravado com o apoio dos alunos do curso de Cinema e Audiovisual da UFPel e contou com estudantes da Educação Básica como atores. Esses estudantes, na época, tinham entre 12-15 anos e integravam o curso de teatro da Escola Estadual Cassiano do Nascimento, localizada na cidade de Pelotas. O projeto de extensão firmou convênio com essa instituição de ensino, a qual também nos cedeu o espaço físico para as gravações.

O filme tem um total de 2h de duração e foi dividido em seis episódios de 20 minutos cada para que o professor possa exibi-lo e debatê-lo com os alunos no período de aula. Foram 20 dias de gravação, que ocorreu apenas nos finais de semana, totalizando 2 meses de gravação – de junho até agosto de 2015. As gravações tinham início às 8h e término às 18h. Aqui é importante ressaltar a dedicação dos alunos com as gravações, pois, apesar de ocorrerem nos finais de semana e ocuparem grande parte do dia, nunca tivemos problemas com a falta dos atores, os quais estavam sempre presentes e prontos para a gravação.

Nesse mesmo ano, além do desenvolvimento de novos materiais de apoio a alunos e professores do Ensino Básico, foi consolidada uma nova parceria para a criação de mais um festival de vídeo estudantil, dessa vez com a Secretaria Municipal de Educação de São Lourenço do Sul/RS, cidade localizada a aproximadamente 70km de Pelotas. A nova parceria trouxe uma experiência peculiar à equipe que compõe o projeto de extensão, uma vez que 40% dos moradores da cidade residem no campo, zona rural.

Assim, as oficinas com os alunos foram feitas nas escolas do campo, uma delas, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Germano Hubner – que fica a uma hora do centro da cidade cujo acesso é interligado, em grande parte, por estrada de chão. Visitamos algumas escolas a convite da secretaria, sendo assim, as oficinas e os vídeos foram realizados com alunos da zona rural e da área quilombola. Posteriormente, os trabalhos dos estudantes foram exibidos junto ao Festival de Vídeo Estudantil de São Lourenço do Sul.

Com a repercussão do material desenvolvido até então e a criação de festivais com o apoio institucional da UFPel, ainda em 2015, o professor Josias recebeu a professora Eliane Candido que representando a Secretaria Municipal de Educação de São Leopoldo interessou-se em saber como era realizado o festival de vídeo estudantil nas cidades onde já ocorriam. O professor acompanhou a professora Eliane a duas escolas que realizavam vídeo no município de Pelotas – a EMEF Independência e a EMEF Afonso Vizeu. A professora conversou com os docentes e discentes das escolas para entender como funcionava o projeto, a fim de adaptá-lo e aplicá-lo em sua cidade. Além disso, ao conhecer os materiais disponíveis no *site* e no canal do *YouTube*, a professora considerou viável a organização de oficinas de produção de vídeo com o apoio desses materiais.

Posteriormente, foi agendada uma visita do professor Josias à cidade de São Leopoldo/RS para uma conversa com o secretário municipal de educação. Logo, foi criado o I Festival de Vídeo Estudantil de São Leopoldo, conhecido como São Léo em Cine, que já em sua primeira edição apresentou mais de 30 vídeos realizados pelos alunos das escolas públicas. O festival foi um sucesso e contou com a parceria do Cinesystem Cinemas do Bourbon Shopping que cedeu, por dois dias, as salas de cinema para exibição dos vídeos à comunidade escolar, abrangendo um público de aproximadamente 1.000 pessoas entre alunos, familiares, professores, equipes diretivas, autoridades e convidados.

Imagem 2 – I Festival de Vídeo Estudantil de São Leopoldo / São Léo em Cine.



Crédito da imagem: Eliane Candido

Com o crescente interesse de professores e, sobretudo, de alunos pela produção de vídeo no contexto escolar, desenvolvemos, em 2015, a *websérie* “Cine Passo a Passo”¹⁵. A iniciativa partiu de uma reunião com os alunos, os quais reclamaram que os nossos vídeos eram muito pedagógicos e “chatos”, já que a linguagem era bastante acadêmica. Assim, criamos a *websérie* voltada aos alunos, usando uma linguagem mais simples e coloquial.

No ano seguinte, em 2016, o professor Josias foi convidado a fazer parte do mestrado acadêmico do curso de Educação Matemática, pois o grupo desejava ampliar o uso prático das tecnologias dentro do espaço escolar da matemática. O professor iniciou um trabalho convidando os alunos do mestrado a conhecerem o projeto de extensão e a realizarem vídeos dentro do espaço escolar.

¹⁵ <https://youtu.be/M1fs9NoUXeg>

Nesse mesmo ano, houve também a expansão do projeto, que passa a contar com a parceria da Secretaria Municipal de Educação de São José do Norte, município localizado próximo a Rio Grande, para realização do festival de vídeo estudantil. Na época, era desenvolvido no município o projeto “Mais Educação”¹⁶, vinculado ao governo federal. A Secretaria de Educação pediu, então, para a equipe do projeto de extensão capacitar uma das participantes do “Mais Educação” para que esta pudesse fazer vídeo com os alunos.

A professora indicada não tinha afinidade com tecnologia audiovisual, assim o professor Josias teve de agendar encontros via *Hangout*¹⁷ para capacitá-la a realizar vídeo, já que a cidade de São José do Norte/RS fica a 100km de distância de Pelotas e a secretaria não tinha verbas para levar a nossa equipe à cidade. A capacitação foi feita em 8 encontros de 2 horas cada e, ao final, a professora conseguiu realizar 5 vídeos com seus alunos.

Ainda em 2016, uma nova parceria foi firmada, passando a Secretaria de Educação do município do Capão do Leão/RS, localizado próximo a Pelotas, a também organizar um festival de vídeo estudantil na cidade, seguindo os moldes dos festivais desenvolvidos nos demais municípios parceiros do projeto.

Imagem 3 – Oficina de produção de vídeo com alunos do Capão do Leão.



Crédito da imagem: Vânia Dal Pont

É preciso ressaltar que todas as reuniões para a criação dos festivais de vídeo estudantil, nas cidades onde o evento ocorre em parceria com o projeto de extensão, foram feitas com os secretários de educação das respectivas cidades, pois acreditamos que com a

¹⁶ <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32787-mais-educacao?start=100>.

¹⁷ Google Hangouts é uma plataforma de comunicação, desenvolvida pela empresa Google, que inclui mensagens instantâneas, chat de vídeo, SMS e VOIP.

anuência das secretarias de educação a produção de vídeo estudantil passa a ganhar legitimidade.

Nessa conjuntura, a parceria entre a UFPel e as secretarias municipais de educação tem permitido que a produção de vídeo seja efetivamente integrada ao espaço escolar. Assim, essa articulação institucional garante ao professor o reconhecimento dessa prática pela secretaria de educação de seu município, que apoia este tipo de ação técnica, artística e pedagógica.

Nasce o Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil

A abrangência dos festivais e o debate com vários professores da Educação Básica motivou a criação do Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil (CBPVE), que teve a sua primeira edição em 2016, proposta que adicionou mais essa ação ao projeto de extensão da UFPel. O Congresso visa debater com professores da Educação Básica ações pedagógicas e técnicas concernentes à produção de vídeo estudantil.

Tal iniciativa propiciou um espaço de trocas com o intuito de compreender como a ação de fazer vídeo dentro do espaço educacional pode contribuir no processo de ensino-aprendizagem. Desde então, o CBPVE tem percorrido diferentes cidades e estados, sobretudo para possibilitar o crescimento de uma rede de discussões sobre a ação de produzir vídeo com os alunos. A primeira edição do evento ocorreu em 2016, junto à cidade de Pelotas, no campus do Centro de Artes da UFPel.

Imagem 4 – I Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil (2016).



Crédito da imagem: Eliane Candido

No ano seguinte, em 2017, ocorreu a segunda edição do congresso, dessa vez na cidade de São Leopoldo/RS, com o apoio da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), parcerias necessárias para aumentar o alcance do projeto.

Imagem 5 – II Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil (2017).



Crédito da imagem: Josias Pereira

Considerando as produtivas discussões e trocas que circularam no congresso, criamos, nesse mesmo ano, a “Roquette-Pinto”¹⁸, revista eletrônica do curso de Pós-Graduação de Educação Matemática e do curso de Cinema e Audiovisual da UFPel. A ideia foi abrir mais um espaço de discussão no meio científico, com o objetivo de publicar artigos e relatos de experiências desenvolvidos por professores do Ensino Básico e pós-graduandos, com foco na produção de vídeo feita por alunos e professores.

Já em 2018, ocorreu o III Congresso Brasileiro de Vídeo Estudantil, realizado em Vitória da Conquista, Bahia, em parceria com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) e com a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), ampliando o número de professores que produzem vídeo como prática pedagógica.

¹⁸<https://videoestudantil.com.br/revista-roquette-pinto/>

Imagem 6 – III Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil (2018).

Crédito da imagem: Josias Pereira

Desde a criação do Congresso, já realizadas três edições, percebemos que a grande maioria dos professores tem manifestado preocupação quanto ao estarem ou não desviando o processo de ensino para uma questão estritamente técnica demandada pela produção de vídeo. Nesse sentido, defendemos que o fazer vídeo no espaço escolar deve assumir, a priori, um papel pedagógico, presente em todas as etapas de produção desse processo, inclusive na técnica, uma vez que esta participa da construção de sentidos incutidos na peça audiovisual.

Outra questão levantada no CBPVE coloca em evidência o objetivo da criação de festivais e o caráter competitivo desses eventos. Em meio aos debates advindos dessa inquietação, alguns professores consideram essencial o caráter competitivo dos festivais, pois entendem que motiva a participação dos alunos; outros consideram que o caráter competitivo coloca o prêmio e a disputa à frente da singular ação pedagógica que a produção de vídeo promove no espaço escolar.

Entendemos que a exibição do vídeo, seja por meio de uma mostra competitiva ou não competitiva, compreende apenas uma das etapas de um processo muito maior que, se bem articulado e efetivamente protagonizado pelos alunos, pode estimular e fortalecer o processo de ensino-aprendizagem. Trata-se de um processo pedagógico humanizador, não de um mero produto que se cria para exibir troféus.

Assim, o que se vê, é que são diversas as questões levantadas sobre a produção de vídeo na prática escolar, demonstrando que quem está fazendo esse trabalho na escola está preocupado em fazê-lo de forma significativa.

Entrando no campo científico

O projeto Produção de Vídeo Estudantil, desde a sua criação, em 2011, foi naturalmente consolidando-se sob o tripé ensino, pesquisa e extensão. Foi a partir do projeto de extensão que nos foi possível compreender o quanto, conforme prevê a LDB, a universidade é capaz de “atuar em favor da universalização e do aprimoramento da educação básica, mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois níveis escolares”¹⁹ (BRASIL, 1996).

Podemos dizer que foram as trocas com a comunidade externa e as ações desenvolvidas junto a ela que encaminharam as pesquisas científico-pedagógicas que têm sido produzidas ao longo dessa caminhada. Os trabalhos científicos oriundos do projeto de extensão é uma forma de divulgarmos para a comunidade acadêmica não apenas o projeto, mas sua importância social.

O primeiro trabalho científico do projeto foi escrito e publicado no ano de 2014, em parceria com a bolsista de extensão Kelly Demo Christ. O artigo denominado “A produção audiovisual estudantil: uma possibilidade na relação entre mídia e educação” foi desenvolvido com o intuito de divulgar para a comunidade científica possibilidades do uso da mídia na escola, não apenas por meio da exibição de vídeos, mas pela prática, pelo “fazer”, pela criação midiática dentro do processo educacional.

Desde então, escrever artigos se tornou uma prática importante para a divulgação do projeto, pois percebemos que muitas pessoas citavam os nossos trabalhos por ser algo novo e, sobretudo, pouco estudado dentro da academia²⁰. De 2014 até hoje, realizamos 31 apresentações em congressos, seminários, conferências e palestras. Escrevemos 9 livros e 21 artigos com temas relativos ao projeto de extensão Produção de Vídeo Estudantil.

Entrar o campo científico foi também uma forma de atender as demandas de alguns professores da Educação Básica que se mostravam interessados em ter um aporte teórico para contribuir com o debate sobre a importância de se fazer vídeo na escola, já que a

¹⁹ Inciso VIII, artigo 43, incluído na Lei de Diretrizes e Bases (L9394, 1996) via Lei nº 13.174, de 2015.

²⁰ Além dos trabalhos desenvolvidos em parceria com os demais membros da equipe do projeto de extensão, o professor Dr. Josias Pereira, coordenador do projeto, orientou até então 2 monografias e 4 dissertações de mestrado. Vale ressaltar que duas alunas do mestrado optaram pela pesquisa na área de produção de vídeo após conhecerem o projeto e realizarem oficinas de vídeo com os alunos.



produção de vídeo enfrenta, às vezes, resistência por parte de alguns agentes educacionais. Entendemos que essa resistência ocorre pelo fato de alguns educadores acharem que fazer vídeo no espaço escolar é algo puramente técnico e não pedagógico.

Por outro lado há uma resistência que advém do modelo de escola que ainda persiste na sociedade, pautado no conteúdo e no professor. Nesse sentido, a produção de vídeo estudantil subverte essa lógica da escola tradicional, uma vez que nessa prática pedagógica “a hora e a vez” é do aluno, pois é ele quem está no centro do processo educacional.

Nessa perspectiva de buscar aportes teóricos que possam “conversar” com a prática de produção de vídeo, o grupo já desenvolveu dezenas de escritas que articulam essa ação pedagógica à proposta de diversos autores, como, por exemplo, as propostas freirianas na sua relação dialógica com o aluno e a semiótica greimasiana, que discute como o signo é internalizado por meio de uma significação dada. Também exploramos teorias emergentes, tais como a Neurociência, a Pedagogia dos Multiletramentos e as Metodologias Ativas.

Com o aporte da Neurociência, especificamente da Neurobiologia, buscamos investigar o importante papel da emoção no desenvolvimento biológico, social e na memória. Cosenza e Guerra (2011) defendem que a aprendizagem e a memória são caras de uma mesma moeda, e a memória é ativada pela emoção, ou seja, existe emoção no processo de fixar a informação. Esse sentimento, por sua vez, é recorrentemente citado em depoimentos de alunos sobre o fazer vídeo na escola.

Já o interesse pela Pedagogia dos Multiletramentos está no fato de esta pedagogia – que é também uma teoria – provocar profunda e necessária desestabilização do sistema escolar tradicional, pois visa não apenas à formação de um usuário funcional – com competência técnica – habilitado para o “saber fazer”, mas de um sujeito criador de sentidos, capaz de analisar criticamente textos verbais e não verbais, (re)significando-os, seja na recepção ou na produção (ROJO, 2012).

As Metodologias Ativas, por sua vez, têm ganhado importante destaque na educação nos últimos anos, pois pressupõe a inovação com base em uma sala de aula que permite a participação ativa dos estudantes, privilegiando o aprendizado significativo. Essa possibilidade de empreender e de inovar de forma significativa é o cerne do trabalho com produção de vídeo estudantil, por isso, defendemos que mais do que uma ação pedagógica, a produção de vídeo estudantil é uma metodologia ativa de aprendizagem, pois em sua realização o aluno está a todo momento ativo realizando ações para construir o produto final, o vídeo e neste processo de realização que o aluno aprende.

As pesquisas que a nossa equipe vem desenvolvendo no campo científico – graças as ações de extensão – estão cada vez mais abrangentes, não só do ponto de vista teórico, mas pela visibilidade que vêm alcançando, contribuindo para novas práticas pedagógicas e novas formas de participação e intervenção, pela sociedade civil, pela comunidade escolar e pelas políticas educacionais públicas.

Novas iniciativas: ações empreendidas nos últimos dois anos (2018-2019)

Nos festivais que o projeto de extensão articula junto às escolas e secretarias municipais de educação, a organização se dá por conta do órgão governamental, embora nossa equipe ofereça orientação para que o evento se efetive. Nossa equipe atua na busca por parcerias institucionais e na formação de professores e alunos para a produção de vídeo dentro do espaço escolar.

Desse modo, por serem os festivais realizados com as secretarias de educação, essa iniciativa é sensível a mudanças políticas e, por vezes, corre o risco de ser descontinuada. Essa situação ocorreu com o Festival de Vídeo Estudantil de Pelotas, que funcionou por 4 anos consecutivos – até a sua IV edição – mas, posteriormente, em função de trocas de governo e da falta de recursos humanos por parte da Secretaria Municipal de Educação para a organização do festival, o evento foi interrompido em 2016.

No entanto, em 2018, o festival é reativado ocorrendo o V Festival de Vídeo Estudantil de Pelotas (Fevies)²¹. Dessa vez, a organização do evento se dá por meio de uma parceria entre UFPel e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense (IFSUL), viabilizada pela professora Viviane Lino que, na época, era professora substituta na instituição.

Na cidade de São Leopoldo, com o intuito de não incorrer na descontinuidade do festival por mudanças políticas, o secretário de educação que atuou na época da criação do festival tornou-se vereador por São Leopoldo/RS e criou a Lei Nº 8597, de 23 de maio de 2017, que inseriu o festival no calendário de eventos da cidade, possibilitando que a produção de vídeo na escola se tornasse uma ação pedagógica do município. É importante ressaltar que, para o nosso grupo de extensão, o mais importante é que o projeto seja realizado nas escolas, independente das ações políticas que o envolve.

Além da organização de mais um festival na cidade de Pelotas, em razão de sua retomada, o ano de 2018 foi também marcado por produtivos debates com os professores

²¹ <http://www.pelotas.ifsul.edu.br/noticias/festival-de-video-estudantil-de-pelotas-premia-vencedores-da-mostra-competitiva>



da Educação Básica do Capão do Leão/RS e foi pensado, junto com eles, um espaço dentro do festival para que os alunos pudessem relatar sua experiência de fazer vídeo. Assim, junto ao III Festival de Vídeo Estudantil de Capão do Leão, criamos o I Seminário de Produção de Vídeo Estudantil de Capão do Leão com o objetivo de discutir com os estudantes o processo demandado no fazer vídeo. O seminário contou com a presença da secretária de cultura e dois vereadores da cidade que desejavam conhecer o projeto.

No mesmo ano, outras importantes ações foram ampliadas, como a produção de materiais que visam orientar professor e aluno na prática de produção de vídeo. Com a divulgação do projeto em artigos e revistas científicas muitas cidades passaram a conhecer o projeto e a pedir ajuda na produção de vídeo estudantil. Nosso canal no *YouTube* chegou a alcançar, no início de 2019, o número de 33 mil inscritos e 18 milhões de acessos.

A partir de vários pedidos de oficinas e cursos de produção de vídeo, criamos outros materiais virtuais, como as webséries “Dicas do Jô”²², em que o professor Josias apresenta de modo simples e rápido algumas dicas de como fazer vídeo, e “Aprenda a Fazer vídeo do Início ao fim”²³ dividida em 20 módulos, cada um exibido em um programa diferente. Os módulos orientam o professor desde a etapa de organização da turma até a edição do vídeo e, posteriormente, exibição do trabalho dentro do espaço escolar.

A etapa de organização do material gravado e a edição de áudio e de vídeo sempre foram algo delicado e, pelo relato dos alunos, talvez a parte mais difícil de executar na escola, especialmente pela falta de estrutura física e de recursos materiais e técnicos que muitas instituições da rede pública enfrentam. Além disso, não podemos pressupor que todos os alunos e professores possuam um computador em casa, especialmente máquinas que comportem *softwares* de edição que exigem, por vezes, uma alta tecnologia. Todavia, nas oficinas, percebemos que a maioria dos alunos e professores tem *Smartphones*.

Pensando em buscar um *software* que fosse gratuito, prático e intuitivo, e que atendesse as necessidades da produção de vídeo estudantil, chegamos ao *Oliver*, um programa de edição livre que pode ser instalado em diversos computadores de diferentes capacidades técnicas. Assim, criamos alguns vídeos tutoriais para ajudar professor e aluno a instalar e utilizar esse programa²⁴.

²² <https://youtu.be/12nT2LLLyqE>

²³ <https://youtu.be/YS7zpLoHpNY>

²⁴ https://youtu.be/Cpm6K_6embU

Ainda em 2018, criamos o aplicativo (APP) “Produção de vídeo Estudantil” com o objetivo de que alunos e professores possam acessar de forma mais eficaz os programas e as *webséries* que criamos para contribuir com a produção de vídeo estudantil. Desse modo, os alunos que assistem filmes e vídeos pelo celular podem ter acesso rápido a diversos programas como Cine Passo a Passo, Dicas do Jô, Direção de atores, dentre outros. Trata-se de um APP que oferece subsídio teórico necessário para pôr em prática a produção de vídeo no ambiente escolar.

Em 2019, as ações do projeto de extensão continuaram crescendo. Nesse ano, durante palestra sobre Neurociência e Produção de Vídeo Estudantil, ministrada pelo professor Josias a convite da Secretaria Municipal de Educação de Canguçu, mais uma parceria foi firmada para a organização de um festival de vídeo estudantil na cidade de Canguçu/RS. Ação semelhante ocorreu no município de Cruz Alta/RS, onde estamos colaborando na criação da I Mostra de Vídeo Estudantil que ocorrerá em novembro de 2019 e, para 2020, o I Festival de Vídeo Estudantil de Cruz Alta²⁵.

Neste ano seguiram, também, as intervenções que fazemos junto às escolas, dentre elas ressaltamos a realização de ações na Escola Municipal de Ensino Fundamental Mate Amargo, de Rio Grande, a partir do convite do diretor da escola, que entrou em contato conosco para que realizássemos uma oficina de vídeo para os seus professores. No último sábado do mês de maio, realizamos a oficina para 54 professores e percebemos que a maior expectativa desses educadores era conhecer os vídeos feitos por alunos.

Considerado esse interesse por parte dos professores, conversamos sobre a possibilidade de criarmos um cineclube estudantil para que professores e alunos pudessem conhecer os trabalhos e a realidade de estudantes de outras instituições. Para colocar em prática o cineclube, nossa equipe fez uma pesquisa sobre vídeos produzidos por professores e alunos, disponíveis na rede mundial de computadores. Após a seleção de alguns vídeos, os separamos por temáticas e criamos uma ficha técnica com a sinopse da obra, sugerindo, do ponto de vista técnico e pedagógico, como utilizá-lo em sala de aula para criar debates com seus alunos.

A iniciativa vem sendo acompanhada pela nossa equipe de extensão numa troca constante sobre os efeitos que esta ação vem provocando. Com a visita do diretor da EMEF Mate Amargo a um dos encontros da equipe, em setembro, fomos informados de

²⁵ Os eventos estão sendo organizados pelo Polo de Educação a Distância (EAD) da cidade de Cruz Alta.



que os resultados têm sido bastante produtivos, pois o cineclube na escola tem motivado alunos e professores a produzirem seus próprios vídeos.

Percebendo o impacto positivo junto à EMEF Mate Amargo ampliamos o acesso a esse material, disponibilizando-o em um espaço no nosso *site*, especialmente desenvolvido para hospedar o projeto cineclube estudantil, apelidado por professores e alunos de “Cineflix Estudantil”²⁶. Nesse espaço há mais de 100 vídeos estudantis cadastrados e, dessa vez, são os próprios professores que nos enviam os vídeos produzidos com os seus alunos, fornecendo também uma ficha técnica nos moldes que já referimos. O objetivo do cineclube estudantil é justamente divulgar os vídeos realizados no contexto escolar e que suas temáticas e/ou técnicas possam ser discutidas por outros estudantes.

Nessa jornada de novas iniciativas a equipe do projeto de extensão também criou um curso de Roteiro na modalidade EAD, via plataforma AVA Moodle da UFPel, para professores da rede pública de ensino. O curso foi inicialmente pensado para 100 professores, no entanto fomos surpreendidos com 752 inscritos de todo o Brasil. Aumentamos, então, o número de vagas para 250 e considerando o interesse dos professores pelo curso de roteiro – que ocorreu de maio a julho de 2019 – já estamos organizando novas edições e novas temáticas para 2020.

Para não concluir

A produção de vídeo no espaço escolar, juntamente com a criação dos festivais, tem possibilitado o engajamento e a participação das famílias nas escolas, bem como da comunidade local. Assim, tal produção envolve ações que ultrapassam os muros da escola desde a escrita do roteiro até a etapa que compreende na exibição e discussão dos trabalhos com os alunos. É por esse processo – que dá voz aos alunos, que os aproxima de seus familiares e de sua comunidade – que a produção de vídeo estudantil se mostra capaz de aprofundar o currículo oculto. Como já fora defendido, trata-se de um processo pedagógico humanizador, não de um mero produto que se cria no intuito de ganhar e exibir troféus.

Entendemos, portanto, que o fazer vídeo no contexto escolar deve assumir, a priori, um papel pedagógico presente em todas as etapas de produção, inclusive na técnica, uma vez que esta participa da construção de sentidos incutidos na peça audiovisual. Não se trata simplesmente de um vídeo, de um filme, de um conjunto de técnicas, mas de um corpo de linguagem multissemiótica que permite ao aluno dizer o mundo (re)construído pela força da imagem.

²⁶ <https://wp.ufpel.edu.br/cineclube/>

Nossa caminhada na extensão tem sido longa, não pelo tempo que dedicamos a percorrer essa estrada, mas, sobretudo, pelas ações significativas que o grupo de extensão Produção de Vídeo Estudantil tem desempenhado. Consideramos uma caminhada produtiva, porque durante a trajetória temos sido capazes de dar a mão para muitos que quiseram, querem e quererão caminhar conosco, pois não há nada mais produtivo do que caminharmos juntos.

Referências

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

COSENZA, Ramon; GUERRA, Leonor. **Neurociência e Educação: Como o Cérebro Aprende**. Minas Gerais: Editora Artmed, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 9 ed., Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1981.

PEREIRA, Josias; DALPONT, Vânia. **Como fazer vídeo estudantil na prática da sala de aula**. Pelotas, RS: Erdofilmes, 2017.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

Dados dos autores

Josias Pereira: <josiasufpel@gmail.com>. Professor Adjunto da Universidade Federal de Pelotas dos cursos de Pós Graduação em Educação Matemática e do curso de Cinema e Audiovisual. Pós doutor em Semiótica (UEL), Doutor em Educação (UFPel), Diretor cinematográfico e pesquisador da área de produção de vídeo feita por alunos. Idealizador do Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo estudantil e da Revista Roquette Pinto.

Eliane Candido: <eliane.candido21@gmail.com>. Pedagoga, Especialista em Mídias na Educação, Mestranda em Educação Matemática pela UFPel. Membro do Grupo de Pesquisa Produção de Vídeo Estudantil (projeto de extensão e Pesquisa). Professora pesquisadora sobre produção de vídeo realizado por alunos em todas as áreas do conhecimento, bem como Metodologias Ativas e Ensino-Aprendizagem.

Vania Dal Pont: <Vaniadalpont@gmail.com>. Professora de Matemática, especialista em Matemática e Mestre em Educação Matemática. É doutoranda em Educação e pesquisa a relação de produção de vídeo estudantil aliadas a BNCC e as Metodologias Ativas. Desenvolve pesquisas aliando a arte no ensino da matemática.



Viviane Lino: <vivianepereslino@gmail.com>. Licenciada em Letras - Português/Inglês e Mestre em Letras/Linguística Aplicada pela UCPel. É membro da equipe do projeto de Extensão e Pesquisa Produção de Vídeo Estudantil, da UFPel. Desenvolve pesquisa interdisciplinar sobre produção de vídeo como prática pedagógica elencando temas como Multiletramentos e Metodologias Ativas.